

A CIÊNCIA EM MOVIMENTO: FERNANDO ORTIZ E A QUESTÃO RACIAL CUBANA*

Telmo Renato da Silva **ARAÚJO**
Universidade Federal do Pará

...Os homens esperavam alcançar Deus ou a negação de Deus através da ciência...

Érico Veríssimo – 1945

Resumo: *No início do século XX, na América Latina, vários intelectuais analisavam as realidades nacionais privilegiando a variável raça. Em Cuba, particularmente, as teorias raciais advindas da Europa foram determinantes para os estudos raciais que dessem embasamento teórico para se determinar, por exemplo, a inferioridade racial do mestiço, do negro e dos chineses que imigravam em grande quantidade para aquele país e, principalmente, para explicar a influência dos climas cálidos no processo de “degenerescência racial”. No âmbito desses estudos encontravam-se os trabalhos sobre raça de Fernando Ortiz, um dos principais intelectuais cubanos. Trabalhos esses de grande importância na construção da identidade nacional cubana. Assim, o artigo aqui apresentado tem como objetivo pôr em tela a importância de Fernando Ortiz nos estudos sobre raça realizados na América Latina, particularmente em Cuba, no início do século XX.*

Na segunda metade do século XIX, a América Latina foi marcada por lutas constantes para consolidação dos Estados Nacionais. As perspectivas de unidade, de superação dos entraves deixados pelo legado colonial, demarcaram as fronteiras dessa consolidação. Um processo de construção que demandava o pensar a sociedade, a economia, a política, enfim, a realidade vivida. Procurava-se, sobretudo, autonomia. Esta construção esbarrava principalmente no grande amálgama étnico e cultural, que se chocava pela cor da pele, pela história de exploração, pela grande distância econômica e política, que existiam entre os grupos sociais das antigas colônias espanholas.

*Texto elaborado a partir da dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual Paulista – UNESP, intitulada “O pensamento racial em Nina Rodrigues e Fernando Ortiz”.

Em finais do século XIX, uma nova ordem se formava¹, na qual, o capitalismo vinha ditar metas e firmar a busca pelo "desenvolvimento" e "progresso" nos países latino-americanos. Essa ordem era caracterizada pelo avanço imperialista europeu, que trazia em si novos moldes e padrões, principalmente científicos e culturais. O paradigma que se constituía, nesses países, passou a ser então a busca para ser igual à Europa, uma "civilização gloriosa" e "evoluída". Paradigma que se fez concreto nas discussões sobre mestiçagem, degenerescência, endemias e enfermidades que as "raças", "povos" e "etnias" poderiam ter.

Em Cuba, com a perseguição inglesa à escravidão e ao tráfico negreiro, aflorou uma discussão persistente sobre a escravidão e a provável substituição da mão-de-obra nas grandes lavouras de cana-de-açúcar, a partir de 1847. Discussões que abarcaram, em seu cerne, fazendeiros e intelectuais, nas quais estavam em pauta as possibilidades do trabalho de outros povos nos trópicos, bem como a resistência das "raças" nos climas cálidos.

O negro, até então uma mera mercadoria, foi o principal alvo das discussões sobre a inferioridade racial. Tido como inferior pelos estudiosos da raça, que o assemelhavam a um símio em evolução², esse grupo foi a base dos discursos racistas dos fazendeiros e intelectuais cubanos; discursos que rapidamente avançavam para a valorização da imigração branca europeia diante o medo de "africanização" da ilha.

Assim, dois fatores apareceram como fundamentais para a compreensão dessa valorização: primeiro, a busca por uma mão-de-obra qualificada para a lavoura açucareira e segundo, o grande medo

¹ Para Eric Hobsbawm, o "novo imperialismo" que se formava era produto da intensificação das rivalidades econômicas internacionais a partir de 1880. O auge desta rivalidade é a repartição do mundo pelos países imperialistas, particularmente a África e a América Latina, em áreas de influência. Para uma melhor compreensão sobre o assunto ver: HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, (Cap. 3).

² Na primeira metade do século XVIII, dois grupos discutiam a origem da espécie humana: os monogenistas e os poligenistas. Os primeiros, ortodoxos, complacentes com os ensinamentos do Velho Testamento, defendem a unidade da origem humana (Adão e Eva); baseavam-se na filologia e ornavam modelos de comparação que confluiam nas diversas ramificações históricas das raças, afirmando que "a fecundidade dos híbridos" era prova incontestável da unidade da espécie humana. Os segundos, por outro lado, defendiam a diversidade na origem humana e buscavam na anatomia comparada a distinção dos diversos tipos biológicos. Os poligenistas foram os que reafirmaram com mais perseverança o vínculo da descendência dos negros aos macacos, em cuja justificativa atrelava-se a biologia (traços faciais e cor da pele) e a psicologia (moral). Ver: SILVEIRA, Renato da. *Os sénegens e a maseca: o papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. Afro-Ásia*, n. 23, 2000 e GERBI, Antônio. *O Negro Mundo: História de uma polémica (1750-1900)*. Companhia das Letras: São Paulo, 1996.

que se formara em Cuba devido ao aumento do número de “homens de cor”, principalmente na capital Havana.

As discussões sobre a nacionalidade cubana e a busca por uma reforma na sociedade, marcaram os anos de 1850. Estão relacionados com este momento dois grupos sociais distintos. Um grupo mais progressista, composto por homens que defendiam o processo de modernização do país, baseado na diversificação agrícola, na introdução de novas técnicas de cultivos e na introdução de mão-de-obra livre para a agricultura. Mais tarde, na primeira década do século XX, esse grupo, ao qual pertenciam os membros da comunidade científica cubana, promoveu estudos significativos sobre a “insalubridade” dos climas tropicais e principalmente sobre higienização. O outro grupo composto pela oligarquia canavieira e pela burguesia *criolla* defendia a escravidão e o tráfico negreiro, estando em seus projetos a introdução de trabalhadores no regime de semi-escravidão. Esse grupo promoveu em 1847 uma maciça entrada de imigrantes chineses denominados de *ulies* e de índios yucatecos (índios oriundos da região de Yucatán - península da costa nordeste da América Central). Como estes não possuíam grandes instruções, ou não falavam com fluidez o castelhano, eram mantidos no regime proposto por essa oligarquia.

As discussões sobre a aptidão das “raças” ao trabalho na agricultura e a sua resistência ao clima quente dos trópicos foram protagonizadas pelos grupos que estavam no poder. As argumentações subsidiavam sempre a manutenção de uma “ordem” na hierarquia social. Daí um dos papéis políticos da ciência era dar embasamento teórico-prático para concretizar esta “ordem”. O preconceito surge das afirmações contundentes de uma certa inferioridade racial de outros povos.

Com a grande mortalidade dos chineses, discutia-se a provável não aptidão desses ao trabalho agrícola. Entretanto, toma ênfase a discussão de sua aptidão ao vício do ópio e ao crime. Os índios, qualificados como preguiçosos, foram também descartados do trabalho nas lavouras. Via-se a necessidade de outros tipos de trabalhadores. Daí se junta aos grupos já mencionados, a imigração para Cuba de jamaicanos, haitianos e antilhanos. Em torno deles, intentaram estabelecer diferenças substanciais de inteligência, grau de civilização, aptidão ao trabalho, resistência ao clima, etc.

Em Cuba, na segunda metade do século XIX, a ciência teve o papel de subsidiar os estudos sobre os grupos que imigravam para aquele país, de um lado para justificar e favorecer a imigração e de outro ir de

encontro a ela. Estudar os diversos povos, raças e etnias e entendê-las, foi a principal relevância da ciência neste período, destacando-se aí os higienistas, eugenistas³, antropólogos, sociólogos, biólogos, psicólogos e psiquiatras. Enfim todos os que estavam a pensar a nação cubana.

Todas essas ramificações científicas aglutinavam em torno de si as proposições sobre a questão das “raças”. Entretanto, é a medicina experimental que tomou o ímpeto de pôr em prática os projetos relacionados a esta questão, principalmente nos aspectos relacionados com enfermidade e endemias e que confluíram na organização de normas imigratórias e de saúde pública.

Importante ressaltar que em Cuba os centros de discussão científica, como Institutos, Academias, Sociedades e os mecanismos de divulgação científica como periódicos e revistas, tiveram circulação constante desde o século XVIII⁴. De certo que em meios restritos, essa circulação difundiu idéias e concebeu discussões amplas sobre a inferioridade de outras “raças”, como a negra. Não só isso. Conseguiu determinar e confrontar posições políticas, econômicas e sociais.

Neste sentido, ressaltam-se os dois centros científicos de maior importância em Cuba entre a segunda metade do século XIX e meados dos anos de 1940, bem como os periódicos e revistas que surgiram destes centros. São eles: *A Real Academia de Ciências Médicas, Físicas e Naturais de Havana*, criada em 1861 e a *Sociedade Antropológica da Ilha de Cuba*, criada em 1877. Da primeira, nascem inúmeros periódicos, publicados em forma de *Anais* e da segunda, a *Revista de Cuba*.

As idéias científicas, ou até então pseudocientíficas, ganharam grande intensificação graças à *Real Academia*. Sendo esse cenário das discussões sobre imigração, abarcou membros de diversos interesses políticos e econômicos, alguns dos quais se contrapunham aos grandes

³ A eugenia foi uma das ciências mais importantes no cenário racista do início do século XIX. A palavra eugenia deriva-se de um termo grego que significa “de boa cepa”; cepa refere-se ao tronco, origem de uma família ou linhagem. Surge em 1865 – elaborada por Francis Galton (primo de Charles Darwin) que valorizava a reprodução humana controlada como forma de aperfeiçoamento da espécie. Para melhor compreensão ver: ROSE, Michael R. *O espectro de Darwin: a teoria da evolução e suas implicações no mundo moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000 – particularmente o capítulo 7 (EUGENIA: o darwinismo prometico).

⁴ A importância, de diversos periódicos e revista, como a *Revista Memórias* publicada em 1793, pela *Sociedade Econômica de Amigos do País da Havana*, que promovia discussões sobre as alternativas para a produção escravista e para a monocultura, bem como outras de grande importância no cenário nacional cubano, ver: NARANJO OROVIO, Consuelo y GARCÍA GONZÁLEZ, Armando. *Medicina y racismo en Cuba: la ciencia ante la inmigración canaria en el siglo XX*. Tenerife: Centro de la Cultura Popular Canaria, 1996.

latifundiários e comerciantes, com relação a suas opiniões sobre a escravidão. Foi uma instituição de enorme importância, pois impulsionou a observação de outras matrizes científicas, como a relação entre higiene e enfermidades, que acabaram dando alta relevância aos assuntos sobre saúde pública. Todavia, o tema imigração não deixou de se manifestar junto a esses temas.

A publicação dos primeiros trabalhos em *anais* foi em 1864, contendo assuntos como anatomia e patologia das “raças”, imunidade e aclimatação dos povos. Foram analisadas as considerações sobre a mão-de-obra mais adequada para a agricultura e as possíveis conseqüências provocadas na saúde pelo clima tropical, tendo paralelamente a questão do “branqueamento” da nação como tema. A imigração tomava dois sentidos: um de abarcar a falta de mão-de-obra e a outra de promover um processo de mestiçagem da população cubana com os “imigrantes desejáveis”.

Nas reflexões articuladas na *Academia*, são observadas mais nitidamente as influências das teorias raciais européias – principalmente o darwinismo social e o positivismo de Herbert Spencer que relacionava a sociedade a um organismo vivo, possuidor de males congênitos e degenerativos. Muitos foram os homens de ciência que contribuíram com suas reflexões nos *Anais da Academia*, tais como: Enrique José Varona y Pera, em 1868, defensor impetuoso das teorias de Darwin, Spencer e de Laplace, foi o introdutor do positivismo em Cuba; Dr. Francisco Irías y Jacott (conde de Pozos Dulces), também em 1868, refutador das teorias de hibridéz dos mestiços; e o Dr. González Delgado, em 1872, defendendo a filosofia positivista como a ciência que levaria Cuba ao progresso.⁵

Diante das discussões basicamente sobre o clima e as enfermidades, os membros da *Academia* propunham saídas para a “aclimatação” das “raças” em Cuba. Foi nesse centro de discussão científica, que a medicina se tornou mais participativa nas atividades de higiene pública e passou também a ter maior autonomia.

Os médicos foram ideologicamente encarregados de promover um melhoramento racial. Em um primeiro momento, via formas de higienização da sociedade, proposta pelos médicos higienistas e em

⁵ Para uma maior análise sobre os eixos temáticos da *Academia* e seus principais representantes ver: PUIG-SAMPER MULERO, Miguel Angel y PELAYO, Francisco. Darwin en Cuba: el transformismo en la Revista de Cuba. Madrid: *Revista de Indias*, Maio-Agosto, v. XLIX, n. 186, 1989.

um segundo, pelo “branqueamento da nação”, proposto pelos médicos eugenistas. Importante ressaltar que nesse processo se consolidava cada vez mais o vínculo entre esse grupo (médicos) e o Estado.

Outros assuntos relacionados com a questão racial vieram à tona com a fundação da *Sociedade Antropológica da Ilha de Cuba*, em 1877. Através da *Revista de Cuba*, passavam a ser divulgados assuntos referentes à criminalidade, moral e caráter das “raças” e à provável hibridez do mestiço.

Em 1878, a *Sociedade* intensificou os estudos sobre anatomia, antropologia fisiológica, patológica e etnologia. A Antropologia toma sentido em Cuba neste período, não se afastando dos preceitos biologizantes de interpretação das culturas e vinculada cada vez mais à antropometria. Assim, 1879, destacam-se os trabalhos de Enrique José Varona sobre a psicologia e “atividade anímica” dos animais e homens; de José R. Montalvo que trabalhou para demonstrar a superioridade física e intelectual dos negros crioulos em relação ao negro africano. Não obstante, no início do século XX, muitos trabalhos do jovem professor Fernando Ortiz foram publicados na *Revista de Cuba*, também trabalhos sobre animismo e inferioridade racial dos negros.

Em uma análise das considerações expostas nessas duas instituições, pode-se observar que houve um processo de direcionamento dos trabalhos científicos, que buscavam traçar uma linha cultural e etnográfica para Cuba. Os temas referentes a “raça” tomam variadas conotações, dentre elas higienizar, aclimatar e branquear a população. Contudo, a que mais interessa é a traçada pela *Sociedade Antropológica da Ilha de Cuba*, pois se aproxima da utilizada por Fernando Ortiz em seus primeiros trabalhos sobre “raça”.

A linha principal dos trabalhos apresentados à *Sociedade Antropológica da Ilha de Cuba* foi baseada na associação de idéias que relacionavam anatomia ou morfologia (traços faciais, cor da pele, formas dos ossos, composição sangüínea, forma do crânio, medidas e ângulos faciais, capacidade craniana e aspectos do cérebro como estrutura, peso e volume) com fatores culturais (qualidades morais e padrões de desenvolvimento intelectual). Associavam-se ainda as dificuldades climáticas a especificidades fisiológicas dos indivíduos.

Uma das formas evidentes do chamado racismo científico foi procurar diversos subsídios para determinar a superioridade de uns sobre outros. A gênese desse pensamento estava, principalmente, em observações empíricas que eram interpretadas pelos estudiosos da “raça” do século XIX.

Nos discursos dos intelectuais cubanos do final do século XIX, havia uma procura constante pela homogeneidade da nação e pela integração nacional. Tal procura motivou a dicotomia entre os imigrantes “desejáveis” (brancos europeus – canários e peninsulares) e “indesejáveis” (chineses, negros, jamaicanos e haitianos).

Os mecanismos para o controle dos imigrantes tornaram-se mais severos e a xenofobia estendeu-se para todos os grupos que não eram “desejados”, pois, para os intelectuais que estudavam a questão racial, eles não contribuiriam para a formação da nacionalidade cubana. Antilhanos, jamaicanos, haitianos e os chineses eram tidos como portadores de enfermidades biológicas e possuidores de uma cultura inferior e bárbara. Nesse contexto, fortalecem-se os argumentos científicos acerca da inferioridade racial. Os eugenistas consoavam cada vez mais forte em favor do branco europeu e do fortalecimento do Estado.

As diferentes correntes políticas, que tentavam articular as funções do Estado, foram surgindo progressivamente com os acontecimentos históricos que articulavam o direcionamento da economia e da política. São elas: o *anexionismo*, *reformismo*, *autonomismo* e *independentismo*⁶.

O *anexionismo* teve seu auge em 1808 com o movimento político para a anexação da ilha de Cuba aos Estados Unidos, estendendo-se até os anos 50. Em contraposição, o *reformismo* defendia um nacionalismo mais acentuado e a união do povo cubano pela origem histórica, idioma, religião e costume. O *autonomismo*, por outro lado, lembrava o legado espanhol, repensando a volta do elo com a Espanha; acreditava na superioridade da “raça” branca sobre a negra, sendo para eles a cultura espanhola a verdadeira e única existente em Cuba. O *independentismo* surge em 1895 através da *Sociedade da Raça de Cor de Cuba*, que incentivou movimentos de reivindicação política, racial e social, levando ao fortalecimento das relações sociais nas camadas marginalizadas, como os negros e mulatos. Deu mais ênfase às discussões acerca dos problemas econômicos, políticos e sociais.

O movimento *independentista* foi marcado por uma forte geração de intelectuais, que desenvolveram um censo nacionalista e foram os primeiros a reconhecerem a adversidade do povo de Cuba. Foi o

⁶ Essa divisão e a análise mais detalhada dos grupos mencionados em: NARANJO OROVIO, Consuelo y PUIG-SAMPER MULERO, Miguel Angel. El legado hispano y la conciencia nacional en Cuba. Madrid: *Revista de Indias*, n. 190, v. L, Setembro-Dezembro, 1990.

momento da quebra de vínculos com a Espanha e o processo de intervenção norte-americana. Neste sentido, são de grande destaque os trabalhos de José Martí. Ele foi um dos primeiros a chamar atenção para o perigo das intervenções norte-americanas na América Latina, escrevendo em 1891, um manifesto chamado *Nuestra América* em defesa da união e dignidade da nação cubana⁷.

Com relação à questão racial, questionava-se quais brancos deveriam ser integrados para compor a nacionalidade cubana – espanhóis (raça *madre* e valorizada pelo vínculo lingüístico), europeus (raça antiga e no patamar mais elevado da civilização) ou os americanos do norte (raça próspera, com virtudes anglicanas e anglo-saxões). No processo comparativo de valorização da “raça branca”, os indivíduos derivados das Ilhas Canárias e os peninsulares europeus, para alguns intelectuais cubanos, eram tidos como solução. Isso devido ser estes os mais próximos da sociedade cubana pela semelhança nos aspectos lingüísticos, culturais e climáticos.

No final do século XIX e na primeira década do século XX, esta concepção de controle social pelo Estado, para a arianização da população, teve grande proporção não só em Cuba, mas em alguns países da América Latina⁸, inclusive no Brasil.

Em Cuba, na segunda metade do século XIX, os intelectuais procuraram traçar projetos para a construção nacional. Nessa construção, o processo de relações e diferenças étnicas passou a ser tratado não só como um assunto científico, mas também como uma questão política e ideológica. Desenvolveram-se teorias e propostas para a miscigenação e para a promoção da imigração. Teorias e propostas refletidas profundamente em alguns tópicos dos estudos sobre “raça” realizados nesse período.

Nessa perspectiva, as idéias científicas oriundas da Europa do século XIX tiveram grande repercussão na América Latina. Essas idéias, que deram guarida aos estudos sobre “raça”, tomaram grande

⁷ Algumas considerações sobre a importância desses autores em: OVIEDO, José Miguel. *Breve historia del ensayo hispanoamericano*. Madrid: Alianza Editorial, 1991. E para entender com mais propriedade ver: MARTÍ, José. *Nossa América*. Tradução de Maria Angélica de Almeida Trajber. São Paulo: HUCITEC, 1991.

⁸ Como na Argentina com Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) e posteriormente José Ingenieros (1877-1925), na Venezuela com Manuel Díaz Rodríguez (1868-1927), na Bolívia com Alcides Arguedas (1879-1946) e Francisco García Calderón (1848-1912) no México, são alguns exemplos. Para um panorama mais geral sobre os intelectuais citados, ver: CRAWFORD REX, William. *El pensamiento latinoamericano de un siglo*. México, Editorial Limusa-Wiley, 1966.

importância nos estudos entretidos por Fernando Ortiz (1881-1969), professor da Universidade de Havana, acerca de certos aspectos das diferenças étnicas.

Cronologicamente situado entre o fim do século XIX e o início do século XX, este período foi caracterizado, em Cuba, pelo enfraquecimento e final da escravidão e pela realização de projetos políticos, em que as teorias raciais, vindas da Europa e recriadas, não só em Cuba como em alguns países da América Latina, inclusive no Brasil, se apresentavam como modelo para explicar o “atraso” do país e a “pobreza” intelectual e cultural dos negros e mestiços.

Fernando Ortiz foi um importante darwinista social em sua época. Traçou uma análise das “raças” para determinar as diferenças na implementação da penalidade (responsabilidade penal) e na participação política e social dos indivíduos caracterizados como inferiores. Desenvolveu suas reflexões sobre “raça” por meio de explicações científicas, em que estudos sobre evolução racial, criminalidade, religiosidade (*fetichismo*), hereditariedade e degenerescência eram pressupostos para compreensão da sociedade.

Entre 1842 e 1877, fundou-se, na Europa, uma antropologia profissional que se voltou para o estudo anatômico e craniológico. Era o momento áureo do cientificismo europeu em que os “homens de ciência” buscavam responder às indagações sobre as diferenças entre os seres humanos. Foi o surgimento das grandes teorias, como as de Charles Darwin, Herbert Spencer, Auguste Comte, Cesare Lombroso, entre outros.

Na América Latina, neste momento, vários autores analisavam as realidades nacionais, privilegiando a variável raça. Em Cuba, as teorias raciais foram absorvidas no sentido de conferir embasamento teórico para justificar, ou – em outros casos – combater a escravidão e incentivar a imigração de brancos. Estudava-se a influência do clima na raça branca, as possíveis enfermidades, vícios e imoralidades transmitidos pelos negros e asiáticos.⁹

⁹ Em 1847, a oligarquia canavieira e a burguesia *Criolla*, subsidiaram a entrada maciça de chineses advindos de Xangai e de Cantão. Esses chineses eram denominados de *Culies* e foram introduzidos nas lavouras de cana-de-açúcar através de um regime de semi-escravidão. Com a grande mortalidade dos chineses discutia-se a provável não aptidão desses ao trabalho agrícola. Entretanto toma ênfase a discussão de sua aptidão ao vício do ópio e do jogo, bem como sua propensa tendência a praticar crimes.

No âmbito dos estudos sobre “raça”, encontravam-se os trabalhos de Fernando Ortiz que, sem dúvida, foi um dos grandes nomes do pensamento racial latino-americano dos finais do século XIX e início do século XX. Influenciado pela corrente positivista criminológica, trabalhou amplamente a questão racial e desenvolveu os primeiros trabalhos sobre a religiosidade e as manifestações culturais dos negros em Cuba.

Fernando Ortiz concluiu seu curso de Direito Penal na Universidade de Barcelona entre 1895 e 1901; posteriormente, em 1903, obteve o título de Doutor em Direito Civil pela Universidade Central de Madri, tornando-se professor da Universidade de Havana, em Cuba. Também influenciado pela antropologia evolucionista, escreveu diversos estudos sobre “raça”. Sua trajetória, porém, acusa modificações importantes que o levaram a combater o racismo na década de 1940.

Influenciado pelo positivismo e pelo evolucionismo em voga na Europa a partir da década de 1880, Ortiz foi difusor legítimo de estudos que intentaram traçar aspectos e características que configurassem as diversas raças existentes em Cuba. Associava a questão racial ao quadro mais abrangente do progresso da humanidade e estabelecia uma dicotomia entre as raças em “superiores” e “inferiores”. Acreditava na inferioridade do negro e na degenerescência do mestiço e propunha que as “raças superiores”, por serem mais desenvolvidas intelectualmente, guiassem as fases pelas quais passaria a consciência do direito e do dever das “raças inferiores”.

Em Cuba, o início do século XX coincide com o momento crucial do debate entre a possibilidade da participação das massas na vida política e a reafirmação de sua exclusão, além da crescente urbanização que deixava transparecer um considerável aumento e concentração de populações – anteriormente menos visíveis – que deveriam ser conhecidas e controladas.

Nesse contexto, as questões sobre raça e nacionalidade tornaram-se assuntos concretos e pertinentes nas sociedades latino-americanas. Politicamente, tornou-se necessário definir os critérios de inclusão-exclusão social ao estatuto de cidadão. As teorias oriundas da Europa no século XIX e que muito influenciaram os intelectuais cubanos, formariam o arcabouço “científico” para explicar o grande amálgama étnico existente nesse país e sua provável imaturidade na participação social.

As teorias de Fernando Ortiz ajudaram na formação de uma identidade nacional cubana, colocadas em seus estudos com a presença e integração da cultura africana e da conformação étnica de Cuba.

Também estabeleceram critérios de análise racial, vinculados às concepções evolucionistas e desenvolveu trabalhos etnográficos para análises das raças.

Fernando Ortiz foi um dos maiores intelectuais cubanos do século XX, tanto pela grandiosidade de sua obra quanto por sua participação no cenário intelectual e político cubano. Doutor em Direito pela Universidade de Madri, em 1900, foi professor e catedrático da Universidade de Havana entre 1908 e 1916. Apesar de sua evidente inclinação para as ciências positivistas, diversificou os estudos sobre a diversidade étnico-cultural de Cuba. Junto a outros intelectuais como Juan Marinello e Emilio Roig de Leuchsering, marcou uma geração de intelectuais que intentou trabalhos sobre cultura.

Nascido em 16 de julho de 1881, foi criado em uma pequena ilha chamada Menorca no Mediterrâneo. Logo cedo, aos quatorze anos, tirou o Curso Secundário na pequena cidade de Mahon, expedido pela Universidade de Barcelona – Espanha. Na mesma época, 1895, retorna a Cuba, onde se inscreve no Curso de Direito Penal na Universidade de Havana. Entretanto, as circunstâncias internas de Cuba – guerra pela independência e a primeira intervenção norte-americana – o fizeram continuar seus estudos na Universidade de Barcelona e posteriormente na Universidade Central de Madri. Adquire o título de licenciatura em Direito em 1901 e de Doutor em Direito Civil em 1903.

Contudo, sua paixão é a antropologia criminal. Seus estudos sobre criminalidade se destacariam em Cuba pelo grande trabalho antropológico realizado sobre a cultura afrocubana. Influenciado pela antropologia, realizou trabalhos etnográficos sobre os negros e marcou os primeiros passos para o estudo da cultura africana em Cuba. Seu primeiro artigo foi publicado em 21 de setembro de 1902, sob o título de *Vulgarizaciones Criminológicas*, na revista *Cuba Libre*.

A influência do positivismo criminológico, em voga nos finais do século XIX, reflete-se em Ortiz quando, em 1903, começa a escrever *Los negros brujos*. Foi com essa obra que iniciou a primeira fase de seu pensamento, marcadamente racista. Em uma viagem a Universidade de Turín, conheceu o Dr. Cesare Lombroso¹⁰, renomado cientista e

¹⁰ Dr. Cesare Lombroso, pai da antropologia criminal moderna, foi o criador da teoria do criminoso nato. O estereótipo de criminoso elaborado por Lombroso consistia em que certos traços fisionômicos caracterizavam o indivíduo delinqüente, eram seres oriundos de populações em um estágio primitivo, todos apresentando grande insensibilidade, vaidade excessiva, desprezo pela família, total desconhecimento das noções do bem e do mal, além de serem preguiçosos, debochados, imprevidentes, poltrões e masturbadores compulsivos. Ver: DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na "Belle Époque": a medicalização do crime*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

fundador da criminologia como ciência, e o Dr. Enrico Ferri, criador de métodos científicos para sociologia criminal, notoriamente os maiores nomes da criminologia moderna.

Em 1905, concluído o original da obra, encontra-se com o mestre Lombroso que, ao analisar os escritos, escreve o prólogo da primeira edição em 1906. O êxito da obra é fantástico, principalmente para com os adeptos da criminologia e da antropologia, levando Ortiz a adquirir o cargo de professor na Universidade de Havana.

O ano de 1906 foi ainda mais importante, pois ocorreu a publicação pela Editorial Víctor Hugo, na Argentina, do livro de Fernando Ortiz, chamado *La filosofía penal de los espiritistas*. Tal obra transcende as concepções materialistas da inferioridade racial, buscando através da corrente filosófica kardecista explicar a evolução dos homens pelo espiritismo.

A sua importância no cenário político de Cuba deve-se ao incentivo que dava para a criação de mecanismos jurídicos e uma legislação mais eficaz para o “mal da imigração”. Fernando Ortiz tentava justificar a “incapacidade” das “raças inferiores”, tidas espiritualmente em evolução, de se locomoverem rumo ao desenvolvimento humano, precisando ser controladas e direcionadas para esse rumo.

Em seu discurso na *Quinta Conferência de Beneficência e Correção da Ilha de Cuba* (1906), admitia a probabilidade acentuada de as “raças” negras e asiáticas tenderem ao crime. Essa idéia baseava-se em estatísticas da época, em que os dados mostravam uma acentuada taxa de criminalidade entre os negros e asiáticos - grupos até então marginalizados. Ortiz defendia critérios de seleção imigratória que valorizassem imigrantes procedentes do norte da Europa como Noruega, Alemanha, Irlanda e Polônia.¹¹

Ortiz, como tantos intelectuais de sua época, via nos habitantes dos trópicos uma anemia, uma ociosidade constante. Por isso, acreditava nas raças nórdicas como as mais propícias à prosperidade. Em sua retórica, estão presentes os antigos argumentos deterministas do darwinismo social e do evolucionismo spenceriano, fortalecida pela antropologia criminológica do Dr. Cesare Lombroso.¹²

¹¹ NARANJO OROVIO, Consuelo e GONZÁLEZ GARCÍA, Armando. Op. cit, p. 67-9.

¹² As influências em Fernando Ortiz das Escolas criminalistas italiana e francesa foram basicamente de Cesare Lombroso (de Turín), Enrico Ferri (de Pisa), R. Garófalo (de Nápoles) na parte italiana, Alexandre Lacassagne (de Lyon) e Dr. Corre (de Brest) na parte francesa.

Acerca da migração, propunha que fossem estabelecidos gabinetes de identificação dactiloscópica e que os indivíduos selecionados deveriam cumprir certos requisitos como serem agricultores e possuírem uma unidade familiar. Tudo isso, segundo ele, permitiria o atrofamento da criminalidade.

Em um país como Cuba, onde a imigração teve um papel de capital importância na construção nacional, as idéias que surgiam sobre “raça”, se transformavam em propostas que possibilitariam uma maior comodidade do imigrante e um maior controle sobre ele. Idéias se baseavam na higiene e em uma medicina preventiva. A imigração toma um sentido de melhorar as “raças” pela higienização e profilaxia, assuntos muito discutidos na *Real Academia de Ciências Médicas, Físicas e Naturais de Havana*, desde meados dos anos de 1860. Os mecanismos da saúde pública, que tomavam corpo, não só controlavam as doenças mas também tentavam ordenar as melhorias raciais.

Cada vez mais a imigração se vinculava às concepções científicas das “raças”, “povos” e “etnias”. A tarefa da ciência era explicar em detalhes os estigmas, vícios, enfim, as qualidades negativas das “raças inferiores”. Neste contexto, fortalecia-se o vínculo entre médicos e eugenistas com o Estado, devido aos projetos de organização sanitária e à formação de instituições científicas.

A década de 1910 é marcada pela intervenção norte-americana em Cuba. Em seu contexto acirravam-se as discussões sobre uma maior autonomia do país e os meios da não anexação aos Estados Unidos. Em meio às discussões ideológicas a este respeito, Ortiz enviou uma monografia à Universidade de Havana com o título de “Factores políticos del pueblo cubano”, para obtenção do título de doutor em Direito Público. Esta monografia constituiu o ponto inicial para a redação do livro *El pueblo cubano*, escrito entre os anos de 1908 e 1912. Em *El pueblo cubano*, Ortiz faz uma radiografia do povo cubano sob seus aspectos políticos, geográficos, antropológicos e intelectuais.

Na década de 1910, as discussões sobre o trabalho livre tomavam maior concretude, principalmente pela formação de uma camada proletária. Tiveram como pauta diversos assuntos como: condições de trabalho e do trabalhador, insalubridade e problemas morais das “raças”. A tendência à valorização das “raças superiores” intensificava cada vez mais as leis imigratórias, refletidas nos discursos sobre a “imigração artificial”, em que os indivíduos eram escolhidos através de argumentos muitas vezes racistas. Uma população que se via caracterizada pela

diversidade cultural e étnica, não conseguiria ver com bons olhos os rechaços raciais, a xenofobia e o preconceito que se tornava cada vez mais forte em Cuba.

Neste sentido, em 1908, em Havana, é fundado o *Partido Independente de Cor* que tomou a frente dos movimentos que reivindicavam o fim do preconceito contra os negros e asiáticos, e lutavam por melhores condições de trabalho ao proletário que se formava nas regiões agrárias (cultivo da cana) e nas cidades (fábricas de charuto). Defendia a imigração livre dos indivíduos que se enquadrassem nas predisposições sanitárias. Em 1912 foi iniciado um movimento armado como resposta ao racismo que imperava na Ilha. Isso aguçou a elite branca que já possuía um enorme receio com relação às rebeliões negras desde tempos atrás.¹³

Com relação aos negros, o receio estava bem mais aguçado pelo medo da "africanização" de Cuba, por essa mesma elite. É o momento de perceber a influência da cultura negra, de seu valor para a nacionalidade cubana. Daí a geração de intelectuais incorporar em seus postulados, uma linha mais antropológica e etnográfica para o conhecimento de outras "raças". Contudo, continuavam-se as mesmas argumentações racistas sobre a "inferioridade racial", pelo menos até a década de 1930.

Após a publicação de *Los negros esclavos*, em 1916, Ortiz filiou-se ao Partido Liberal e assumiu a tarefa de elaborar o primeiro código criminal cubano, ficando mais clara sua participação política. Em 1923, fundou a *Sociedade de Folclore Cubano*, com o intuito de divulgar estudos sobre a cultura cubana e desenvolver trabalhos etnológicos sobre as músicas e instrumentos musicais dos negros. Demonstrava, neste sentido, já uma acentuada mudança em seu discurso racista, que se firmava com a criação da *Instituição Hispanocubana de Cultura* em 1926. A *Instituição Hispanocubana* foi criada para promover o intercâmbio cultural entre Cuba e Espanha, mediante a divulgação de trabalhos científicos. Com ela veio uma revista mensal chamada de *Ultra*, em 1936.

Duas questões foram fundamentais nesse novo itinerário que Ortiz dava a seus trabalhos, principalmente através da revista *Ultra*. Primeiro,

¹³ As rebeliões que abalaram o contexto nacional cubano foram, internamente, a rebelião *Escalera* (1844) e externamente as rebeliões dos negros no Haiti. A rebelião *Escalera*, também conhecida como a *Conspiração Escalera*, foi realizada por criollos e negros, instigados pelo governo britânico, com o fim de incentiva-los a ascensão política e econômica. Para maiores detalhes ver: ROBAINA, Tomás Fernández. *El negro en Cuba (1902-1958)*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales: 1994 – p. 16-17.

a sua concepção de assimilação cultural, ou melhor, de inter-relações culturais. Para ele, uma cultura não absorve a outra. Há sim, um processo de reciprocidade cultural, que denomina de *transculturação*. Nesse sentido, a mestiçagem, por exemplo, não é mais vista como degenerescência e sim como símbolo nacional que caracterizava uma categoria cultural. A outra se refere à sua luta contra o movimento expansionista espanhol na América nos anos 30, conhecido como *panhispanismo* e a sua posição contrária aos movimentos racistas do *facismo* e do nazismo.

Desde então, Ortiz fez-se um crítico do racismo, marcando a segunda fase de seu trabalho. Em 1946 escreve *El engaño de las razas*, no qual buscava se contrapor a muitas das teorias raciais expostas nas décadas anteriores.

Fernando Ortiz morreu em 10 de abril de 1969. Sua importância capital foi construir o itinerário da busca por uma identidade cultural cubana, formar uma nacionalidade que abrangesse todos grupos étnicos. Se num primeiro momento, sua obra foi marcada pelo racismo para estigmatizar e inferiorizar determinadas “raças”, no segundo, serviu para alforar a percepção da cultura como diferenciador étnico.

As adaptações feitas pelo intelectual cubano Fernando Ortiz das teorias científicas raciais vindas da Europa em finais do século XIX e início do século XX, foram as subsidiadoras da busca pelo entendimento das características nacionais de Cuba. Características políticas, sociais, etnográficas, geográficas etc. que, em seu conjunto, formaram, nesse autor, um determinismo pessimista sobre o passado, o presente e o futuro de seu país. Pautado na concepção de evolução e no darwinismo social e munido de idéias de progresso e desenvolvimento, intentou entender as causas das “disparidades evolutivas” entre as “raças”. Tal viés seguido por Fernando Ortiz foi determinante para a configuração de um etnocentrismo persistente e imbuído de valores preconcebidos.

Os estudos sobre “raça” feitos por Don Fernando Ortiz, um dos principais intelectuais cubanos do século XX, constituem, em sua primeira fase, um exemplo de pessimismo extremado. Suas idéias, influenciadas pela ansiedade e expectativa de um futuro próspero para seu país, se basearam nos preceitos da evolução que explicariam os entaves para se chegar a esse futuro. As idéias iniciais encontram-se na *Filosofia penal dos espíritas* (primeira edição em 1906), obra na qual a evolução que buscava saía do âmbito do materialismo e adentrava no âmbito espiritualista. Não perdia o rumo das premissas deterministas,

mas buscava transcender suas argumentações para determinar a superioridade de uns sobre os outros. A alma seria a condutora do desenvolvimento humano.

Também influenciado pela antropologia positivista, enveredou-se pela etnografia para estabelecer um estudo minucioso sobre as práticas fetichistas dos bruxos cubanos. Em *Los negros brujos* (1906), descreve tal fetichismo, principalmente dos negros yorubas. Depois de diagnosticar que o negro era o principal agente da “má vida cubana”, Ortiz busca em *El pueblo cubano* (1908-1912), ressaltar os males congênitos de cada grupo étnico-cultural na conformação da “psicologia” da sociedade cubana.

Observa-se que Fernando Ortiz, em sua primeira fase, seguia o mesmo arcabouço metodológico do evolucionismo positivista – explicar a sociedade como um organismo vivo, possuidor de males degenerativos. Para esse autor, a sociedade em que vivia, apresentava-se acentuadamente caracterizada por esses males, vindos principalmente da hereditariedade racial. Ortiz foi criador de imagens e de representações que demonstraram a sua insatisfação diante da realidade vivida em Cuba. Via as diferenças culturais como uma ameaça aos problemas internos de seu país.

Os trabalhos e as atuações intelectuais de Fernando Ortiz tiveram um papel de extrema importância junto à construção dos aparatos jurídicos do Estado Nacional cubano. Ortiz, com seus trabalhos sobre imigração, propôs melhorias nos aparatos de identificação pessoal, passando em revista todas as “raças” que quisessem imigrar para Cuba. E entre os diagnósticos dos males sociais e as práticas preventivas de saúde pública e de higienização estava a questão racial.

Ortiz foi bastante influenciado pelas idéias e teorias que tomaram fôlego no século XIX. O darwinismo trouxe a idéia da “luta natural” entre os mais aptos, a climatologia de Spencer o determinismo climático, o lombrosianismo a idéia do atavismo criminal e o kardecismo a concepção de evolução anímica. Cruzando essas idéias é que o pensamento racial de Fernando Ortiz se construía. Contudo, muitas das afirmações biologizantes dos racistas do século XIX acerca da evolução humana perderam respaldo, principalmente aquelas que condicionavam o comportamento às características físicas dos indivíduos.

Na década de 1950, após as atrocidades da Segunda Guerra Mundial, aboliu-se a idéia de superioridade racial. Percebe-se então mudanças de perspectiva nos trabalhos de Fernando Ortiz. O pensamento social que criara estereótipos e estabelecera diferenças que configuraram

pejorativamente os grupos tidos como inferiores, a exemplo dos negros e dos mestiços, que conformavam para esse autor as formas evidentes da evolução racial, tinha sido superada. Em seu lugar, surgiria o culturalismo, dando mais ênfase aos aspectos culturais da raça, em detrimento dos aspectos biologizantes do século XIX.

BIBLIOGRAFIA

CASTIGLIONE, Teodolindo. *Lombroso perante a criminologia contemporânea*. São Paulo: Saraiva, 1962.

CRAWFORD REX, William. *El pensamiento latinoamericano de un siglo*. Mexico: Editorial Limusa-Wiley, 1966.

DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na "Belle Époque": a medicalização do crime*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FERNÁNDEZ ROBAINA, Tomás. *El negro en Cuba, 1902-1958*. Madrid: Editorial de Ciencias Sociales, 1994.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HELLER, Agnes. Sobre o preconceito. In: *o cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970, p. 43-63.

HOBBSBAWM, Eric J. *A era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LOMBROSO, Cesar. *Hipnotismo e espiritismo: pesquisas sobre os fenômenos hipnóticos e espíritas*. Tradução: Carlos Imbassahy. São Paulo: LAKE, 1999 (1ª edição 1909).

LORICCHIO SOBRINHO, João Demétrio. *Criminologia: genética-espiritual*. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2001.

MARTÍ, José. *Nossa América*. Tradução de Maria Angélica de Almeida Hajber. São Paulo: HUCITEC, 1991.

MOLINA, Antonio García-Pablos de & GOMES, Luiz Flávio. *Criminologia*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1997.

NARANJO OROVIO, Consuelo & PUIG-SAMPER MULERO, Miguel Angel. El legado hispano y la conciencia nacional en Cuba. Madrid: *Revista de Índias*, n. 190, v. L, p. 789-808, Setembro-Dezembro, 1990.

NARANJO OROVIO, Consuelo & GONZÁLEZ GARCÍA, Armando. *Medicina y racismo en Cuba: La ciencia ante la inmigración canaria en el siglo XX*. Madrid: Centro de la Cultura Popular Canaria, 1996 - b.

ORTIZ, Fernando. *A filosofia penal dos espíritas: estudo de filosofia jurídica*. São Paulo: LAKE, 1951 (primeira edição: 1906).

ORTIZ, Fernando. *Los negros brujos*. Madrid: Editorial de Ciencias Sociales, 1995 (primeira edição: 1916).

ORTIZ, Fernando. *El pueblo cubano*. Madrid: Editorial de Ciencias Sociales, 1912.

ORTIZ, Fernando. *Los negros esclavos*. Madrid: Editorial de Ciencias Sociales, 1975 (primeira edição: 1916).

ORTIZ, Fernando. *El engaño de las razas*. Madrid: Editorial de Ciencias Sociales, 1975 (primeira edição: 1946).

OVEDO, José Miguel. *Breve historia del ensayo hispanoamericano*. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

PUIG-SAMPER MULERO, Miguel Angel & PELAYO, Francisco. Darwin en Cuba: el transformismo en la Revista de Cuba. Madrid: *Revista de Índias*, n. 186, v. XLIX, p. 421-435, Maio-Agosto, 1989.

ROBAINA, Tomás Fernández. *El negro en Cuba (1902-1958)*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1994.

ROSE, Michael R. *O espectro de Darwin: a teoria da evolução e suas implicações no mundo moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SILVEIRA, Renato da. Os selvagens e a massa: o papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro-Ásia*, n. 23, 2000.

SOUZA, Hebe Laghi de. *Darwin e Kardec: um diálogo possível*. São Paulo: Centro Espírita "Allan Kardec" – Depto. Editorial, 2002.